

Do livro impresso ao digital: trajetória de uma editora universitária¹

ROSA, Flávia

Doutora em Cultura e Sociedade pela Facom/UFBA. Professora Associada da UFBA
BARROS, Susane

Mestra em Ciência da Informação pelo ICI/UFBA. Professora Substituta da UFBA
MEIRELLES, Rodrigo

Mestre em Ciência da Informação pelo ICI/UFBA. Professor Assistente da UFBA

Resumo: O objetivo desse trabalho é relatar a trajetória da Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que ao longo dos seus 22 anos de criação buscou cumprir com o seu papel de disseminar e preservar a produção científica da Universidade na qual está inserida. As primeiras atividades editoriais na UFBA datam de 1959, mas, somente no início da década de 1990 é que de fato se cria um órgão com a denominação de Editora da UFBA (Edufba) para se responsabilizar pela disseminação da produção científica da Universidade. Hoje a Edufba agrega em seu catálogo mais de mil títulos publicados e acompanha as tendências do mercado editorial possuindo inclusive uma coleção de livros em formato epub, além de estar inserida no contexto do acesso aberto através da disponibilização de sua produção no Repositório Institucional da UFBA e da participação no projeto piloto do Scielo Livros.

Palavras-chave: Mídia impressa. Editoração científica. Comunicação científica. Repositório Institucional.

1 INTRODUÇÃO

A atividade editorial é essencial para a comunicação científica. Até meados do século XVII as cartas eram o canal mais utilizado para comunicação dos resultados de pesquisa. Com o surgimento da imprensa os textos impressos se multiplicaram e o livro passa a ser utilizado também como canal de comunicação de resultados de pesquisas científicas. À medida que a ciência vai se institucionalizando, se profissionalizando, novos meios de comunicação também vão surgindo e seu processo de comunicação vai sendo aprimorado e acelerado. Nesse contexto, a atuação de editoras universitárias tem sido fundamental porque agregam a produção científica das universidades em seus catálogos, que se constituem dessa forma numa das suas principais formas de divulgação.

A edição impressa, no entanto, tem se tornado cada vez mais desafiadora devido não somente ao aumento da produção científica estimulado pelas exigências dos órgãos de fomento e a abertura de editais de programas regulares de apoio à publicação, mas também pela diversidade de dispositivos de leitura e novas mídias interferindo na forma como as pessoas leem e apreendem os conteúdos. (SANTAELLA, 2013) As editoras universitárias devem analisar o novo contexto e acompanhar as tendências do mercado editorial buscando se

¹ GT História da Mídia Impressa.

adaptarem ao cenário atual de forma a promover um aumento de visibilidade da produção acadêmica.

O objetivo desse trabalho é relatar a trajetória da Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que ao longo dos seus 22 anos de criação buscou cumprir com o seu papel de disseminar e preservar a produção científica da Universidade na qual está inserida. Sem perder de vista as possibilidades oferecidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), tem contribuído para promover uma forma mais democrática de acesso ao livro e conseqüentemente levar a produção científica da UFBA a um público mais amplo, disponibilizando sua produção através do Repositório Institucional e da participação no projeto piloto do Scielo Livros.

2 PRIMÓRDIOS DO LIVRO E DA EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA

Para o homem, ao longo de sua história, assegurar a continuidade do passado, perpetuando hábitos, saberes, conhecimentos, disseminando-o para as gerações seguintes, significou, por muitos séculos, um vínculo entre oralidade e memória. No período paleolítico, o homem fixou imagens do seu cotidiano através de pictogramas e inscrições nas paredes das cavernas onde habitava, demonstrou a sua enorme necessidade de registro e transmissão da informação.

A introdução do alfabeto grego na escrita alterou inteiramente a cultura humana que passou, assim, para uma cultura letrada. Por volta de 3.000 a.C., na Mesopotâmia, começaram a surgir formas de escrita que utilizavam ideogramas e fonemas. A invenção da escrita revolucionou a comunicação entre os povos, ampliando a qualidade das mensagens e do registro da informação.

A escrita ampliou, de fato, a possibilidade de perpetuar a informação, na medida em que tornou viável o primeiro registro dos atos e do pensamento do homem. Proporcionou uma nova perspectiva para a comunicação, já que, nas sociedades orais, seus participantes partilhavam do mesmo contexto e, desse modo, a comunicação ocorria no mesmo espaço-tempo. A evolução da escrita – pictográfica, fonética, ideográfica – e o uso de diferentes suportes para o registro do pensamento e experiências do homem possibilitaram o aparecimento do livro.

Roger Chartier (1998) certifica que, somente por volta do século IV a.C. é possível falar na existência de livros, muito próximos do que temos hoje. Foram utilizados diferentes suportes: da madeira coberta de cera, à argila, passando pelo uso de peles de animais – o

pergaminho, chegando ao papiro, amplamente usado no Egito e, finalmente, ao papel, invenção dos chineses no século II a.C., que somente no século XII alcança o Ocidente, através do mar Mediterrâneo. Quanto à forma, no princípio, era o rolo de pergaminho e papiro, evoluindo para o *códex* ou códice, e mantendo a partir daí a forma que foi perpetuada até os dias atuais – folhas, reunidas por um dorso ou lombada, com uma capa de proteção. Os primeiros manuscritos, após a invenção da imprensa, passam a ser impressos e produzidos em maior escala.

Para alguns autores, a invenção da imprensa provocou profundas mudanças na cultura, na economia, na religião e na política mundial. Ela se constituiu como ferramenta básica para a mercantilização da informação; foi um instrumento de dominação dos povos europeus sobre o resto do mundo. O livro, desde a sua origem, cumpriu a função de preservar e disponibilizar de modo permanente a informação gerada pelo homem, é memória, possibilitando às gerações seguintes o acesso ao conhecimento produzido e acumulado – é também cultura.

As universidades exerceram importante papel na história do livro e da imprensa por ter sido responsável pela preparação de um público que passou a usar de forma sistemática, desde os primeiros livros que se apresentavam em forma de manuscritos. No entorno das universidades, consolidou-se um comércio de cópias, organizado e estabelecido para atender às necessidades dos alunos, ávidos por uma bibliografia indicada pelo professor que, na maioria das vezes, era ele próprio o autor ou o responsável pelo manuscrito entregue aos copistas. Em meados do século XV, a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, transformou o sistema de produção de livros, e revolucionou todo o processo de armazenamento, disseminação e recuperação da informação.

A atividade editorial universitária remonta à Inglaterra, que em 1478 imprimiu o primeiro livro da Universidade de Oxford e em 1521 foi a vez da Universidade de Cambridge. Nos meados século XVI estas universidades obtêm a licença real para imprimir e vender livros, e contavam com uma espécie de Conselho Editorial e uma estrutura básica de trabalho. Esta experiência secular aos poucos foi difundida pelo mundo, chegando aos Estados Unidos no século XIX quando são criadas as universidades inspiradas no modelo alemão e britânico, que tinham nos centros de pesquisa o descobrimento e a geração do conhecimento. Graças à necessidade da difusão dos resultados da atividade acadêmica é que se fundaram as “imprensas universitárias”.



No Brasil, diferentemente da Europa que as universidades foram criadas na Idade Média, e até mesmo ao contrário de outros países da América Latina, nos quais o ensino superior se tornou realidade desde o século XVI, a criação das universidades foi marcada pela resistência de Portugal, como reflexo da política de colonização. As primeiras escolas superiores, no Brasil, foram criadas a partir de 1808, com a chegada de D. João VI, dentre elas a primeira Escola de Medicina da Colônia, com os cursos de Cirurgia Anatômica e Medicina, em Salvador. A criação das universidades brasileiras data do século XX, em 1920, quando se criou a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, reunindo as escolas de nível superior ali existentes.

Até 1877, a Escola de Medicina da Bahia foi a única existente na província e cumpriu seu papel, estimulando os estudos universitários e a pesquisa, que conseqüentemente criou uma demanda de livros e periódicos técnicos científicos.

A consolidação da atividade editorial universitária data dos anos 1980, sendo que a primeira editora universitária surge em 1955, na Universidade Federal de Pernambuco. Coube à iniciativa privada explorar a atividade editorial brasileira, exercida no final do século XIX e início do século XX por imigrantes europeus, especialmente o francês e o português, que se instalaram em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A Universidade da Bahia foi criada em 8 abril de 1946, pelo Decreto-Lei nº 9155, assinado pelo Presidente da República Eurico Gaspar Dutra e pelo Ministro da Educação Ernesto Souza Campos. Reuniu, inicialmente, para sua formação, a centenária Faculdade de Medicina, a Faculdade de Filosofia, as escolas de Odontologia e Farmácia, a Faculdade de Direito, a Escola Politécnica da Bahia e a Faculdade de Ciências Econômicas. Graças à Lei nº 1.254, de 1950, institui-se o Sistema Federal de Ensino Superior e a Universidade da Bahia passou a ser denominada Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nos anos em 1959, esta Universidade inicia, de fato, suas atividades editoriais, após 13 anos de sua fundação. No entanto somente em março de 1992 é que será finalmente, aprovada pelo Conselho Universitário da UFBA a proposta de transformação do Centro Editorial e Didático (CED) – órgão até então responsável pela publicação de livros e que agregava também a gráfica universitária – em Editora Universitária.

3 TRAJETÓRIA EDITORIAL DA UFBA



A disseminação da produção científica da Universidade deve estar inserida na política cultural de uma instituição e, na UFBA, esse vínculo foi criado, desde sua fundação. Havia sensibilidade para uma atividade editorial, mesmo que inicialmente tenha beneficiado mais a iniciativa privada que publicava o que era produzido com investimento público.

As primeiras publicações nas quais constavam em suas capas o nome da Universidade Federal da Bahia foram aquelas resultantes de edições conjuntas, entre a Universidade e a Livraria Progresso Editora, de Manoel Pinto de Aguiar. Em entrevista concedida à poeta Myriam Fraga, Pinto de Aguiar declara:

[...] em 1957, o reitor Edgard Santos, desejando ampliar o raio de atuação da Universidade, incubiu-me das publicações, firmamos um convênio pelo qual fazíamos edições conjuntas, ficando parte para a Universidade e parte para a livraria para distribuição comercial [...]. (A AVENTURA..., 1993, p. 108)

Somente em 1959 é que a Universidade Federal da Bahia inicia, de fato, suas atividades editoriais. Foi criado informalmente o Departamento Cultural, ligado à Coordenação Central de Extensão da Universidade. Este Departamento publicava o *Jornal da Universidade* e a revista *Universitas*, cujo subtítulo era *revista de cultura da Universidade Federal da Bahia*. Publicou ainda diversas coleções de cunho cultural. (ROSA, 1994)

Com a reforma universitária em 1968, o Departamento Cultural foi extinto, surgindo em março de 1970, o Programa de Textos Didáticos – idealizado pelo Reitor Roberto Santos – responsável pela publicação de textos encaminhados pelos diversos departamentos, com a finalidade de auxiliar os estudantes nos cursos de graduação. Os textos didáticos já aprovados eram encaminhados para publicação pelos departamentos, e um núcleo do Programa fazia o trabalho editorial que, finalizado, era impresso numa pequena gráfica pertencente à Universidade. Foram vários os autores publicados nesta fase: Luis Henrique Dias Tavares, Maria de Azevedo Brandão, A. L. Machado Neto, Inaiá Carvalho, Romano Galeffi, Délio Pinheiro e o professor da USP István Jancsó, dentre outros. Já se publicava nessa época uma média de dois títulos por mês. Não havia uma preocupação com o design das capas. O miolo era datilografado e as capas mantinham um padrão único, fundo branco com títulos em preto.

Em 1971, foi formalmente criado o Centro Editorial e Didático (CED) da UFBA, para desenvolver as atividades do extinto Departamento Cultural, englobando o programa de Texto Didático e o Núcleo de Recursos Audiovisuais, que passou a funcionar em 1972, com esta



configuração, e organizando a atividade editorial da Universidade. Inicialmente, não havia uma política editorial estabelecida, sendo elaborada somente em 1977. A partir dos anos 1980, o órgão para a desempenhar de fato o papel de publicar e disseminar a produção científica e cultural da Universidade. A filosofia destas publicações era definida por um Conselho Editorial, criado em 1985.

Nesse período, início dos anos 1980, há uma retomada do processo de criação das editoras universitárias brasileiras e início da consolidação da atividade editorial nas universidades. Evolui-se do mero processo industrial da impressão de livros para uma atividade editorial que passava por uma avaliação de originais e pelas etapas do processo editorial propriamente dito: da preparação do original, revisão, diagramação e finalmente impressão e acabamento.

A ampliação no número de editoras universitárias, a consolidação de outras tantas e um movimento de mobilização a nível nacional, discutindo os problemas comuns e a busca por soluções, culminou com a criação em 1987, da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), que hoje congrega cerca de 119 associados. Atuando nacionalmente, representa e luta pela consolidação dessas editoras que são responsáveis pela produção do livro técnico científico e/ou acadêmico resultante da pesquisa desenvolvida nas universidades brasileiras.

Nesse cenário, a atuação do CED/UFBA merece destaque. Ailton Sampaio, diretor, nesse período, desempenhou a função de primeiro coordenador geral do Programa Interuniversitário para Distribuição do Livro (PIDL), criado inicialmente pelas editoras universitárias nordestinas, que mais tarde foi incorporado pela Abeu e estendido às demais editoras universitárias brasileiras. O principal objetivo do Programa era promover o intercâmbio da produção das editoras universitárias, ampliando a circulação dessa produção. O livro universitário não estaria mais restrito ao campus das universidades, ele atingiria um mercado mais amplo. Houve, ainda, uma multiplicação dos pontos de vendas e livrarias, tornando-se uma alternativa que privilegiou obras nacionais além de possibilitar a cada editora universitária avaliar sua produção com relação às demais, na forma e no conteúdo.

Outro fato em decorrência do intercâmbio entre as editoras universitárias foi a ampliação do número de títulos produzidos e adotados por parte dos professores, criando-se uma nova mentalidade no âmbito das instituições no que se refere à publicação, produção e divulgação de títulos.

Outras ações do CED/UFBA que merecem destaque são as seguintes:

- aproveitamento de alunos da UFBA dos cursos de Comunicação e Artes Plásticas como estagiários através de um programa da Superintendência Estudantil, denominado Bolsa de Trabalho;
- alteração na programação visual das publicações, que passam a ter capas coloridas, e a preocupação em baratear o custo gráfico das publicações didáticas, adotando composição datilográfica através de máquinas elétricas. (ROSA, 1994)

Em março de 1992, o Conselho Universitário aprovou a proposta de transformação do CED em Editora Universitária, convertendo-o em órgão suplementar, ligado diretamente ao gabinete do reitor. Somente em 26 de abril de 1993, o Conselho Federal de Educação (CFE) aprovou de fato essa transformação, já que previa a criação de novos cargos.

4 EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A concretização da criação da Editora da UFBA coincide com as mudanças tecnológicas na pré-impressão de livros, graças as novas tecnologias de composição de texto, ou seja, a editoração eletrônica – *desktop publish* – através do uso de PCs. Até então, as ilustrações eram feitas a nanquim. A prancheta e a régua paralela eram “equipamentos” indispensáveis, letras-set, normógrafo, máquinas de datilografia elétricas para composição do texto. Por outro lado, se a pré-impressão era ainda tão artesanal, a impressão em *offset* possibilitava uma boa qualidade para as capas.

Em setembro de 1998, tem início uma fase de reestruturação interna e de fundamental importância, para que a Edufba chegasse ao estágio atual. Primeiramente, criou-se um Setor de Editoração, estruturado com equipamentos (computadores) e softwares adequados à atividade editorial. Devido à falta de pessoal técnico que dominasse as novas tecnologias, alunos do Curso de Desenho Industrial da UFBA, com habilitação em Programação Visual, passaram a estagiar na Editora, juntando-se a uma única programadora visual do quadro da Editora, que na ocasião encontrava-se em São Paulo concluindo pós-graduação na área.

Algumas mudanças tecnológicas haviam ocorrido, como, por exemplo, a utilização de um novo sistema de impressão através de máquinas reprográficas, apropriadas para impressão editorial por demanda, ou seja, a partir da quantidade necessária, não mais para estocar. Esses equipamentos, pouco utilizados pela Editora, mas disponíveis na Universidade, passam a ser utilizados pela Edufba para impressão dos miolos de seus livros.



O retorno da programadora visual, após a conclusão do seu curso, coincide com a contratação e três designers formados pelo Curso de Desenho Industrial da UFBA (ex-estagiários) e três novos estagiários do mesmo curso, através da Fundação de Apoio Pesquisa e Extensão (Fapex), gestora financeira da Editora. Essa equipe, formada por jovens designers, será responsável por essa evolução no design editorial das publicações da Edufba. Aliando sensibilidade estética, domínio da tecnologia na área de editoração eletrônica e sintonia com os novos materiais disponíveis no mercado na área de acabamento, a Editora vem logrando firmar-se cada vez mais no mercado editorial local e nacional, através de estratégias de promoção, divulgação e comercialização e de uma ação conjunta com as demais editoras universitárias brasileiras.

Em consonância com toda essa evolução tecnológica para a “construção” do livro em seu aspecto visual, a Editora não descuidou da parte textual, investindo no Setor de Preparação e Revisão de Textos, composto na época por duas jornalistas. Aprimorando-se para as novas funções, elas passam a atuar não somente na revisão de provas mas, também, na preparação, normalização, revisão de linguagem e editorial dos textos a serem publicados, atividade que constitui o controle de qualidade das edições, na sua etapa de finalização do processo de pré-impressão.

Na atualidade, a equipe se ampliou e o investimento em um programa de estágio para alunos dos cursos de: Biblioteconomia (treinados para normalização), Letras (revisão de textos), Desenho Industrial – design gráfico (criação e editoração), Comunicação (divulgação e eventos) tem contribuído para capacitar esses alunos para atuação na área editorial, e promovido uma integração prático-teórico essencial para a formação desses discentes. O número de servidores da própria Universidade ainda é bem reduzido e a contratação através da Fapex prevalece.

5 LIVRO DIGITAL: DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Editora da UFBA é, desde 2010 pelo novo Estatuto da Universidade, um órgão estruturante, como Sistema Universitário Editorial (art. 23), vinculada diretamente ao gabinete do reitor. Nesses mais de vinte anos de atuação, pode-se afirmar que a sua produção é representativa das diversas áreas do conhecimento, mas, embora com uma produção média anual nos últimos três anos de 100 novos títulos – chegando a 120 títulos em 2014 – sem contar com as reimpressões e reedições, há um descompasso entre a produção científica da UFBA e o que é de fato publicado

pela Edufba. Foi pensando na ampliação de canais para disseminação e democratização da produção científica da Universidade, que em 2007 se idealizou a implantação do Repositório Institucional da UFBA² (RI da UFBA), sistema voltado para o acesso aberto à produção científica e acadêmica, tendo a Edufba sido definida como unidade piloto, para disponibilizar a produção da Universidade, publicada através desta Editora. (ROSA; BARROS; MEIRELLES, 2012)

A definição de uma política de acesso aberto para a UFBA, através do seu Repositório, requereu, além do levantamento realizado junto aos pesquisadores da Instituição e membros das instâncias superiores responsáveis pela pesquisa e pelo ensino de pós-graduação na UFBA, o posicionamento de membros do Conselho Editorial da Universidade. O Movimento de Acesso Livre à Informação Científica tem possibilitado não apenas o reordenamento do sistema de comunicação científica, visando a igualdade de acesso aos resultados de pesquisa financiados com recursos públicos para produção de novas pesquisas e geração de desenvolvimento científico e tecnológico. Ele tem também potencializado uma interpenetração dos processos da comunicação e da divulgação científica, aproximando esses conceitos e possibilitando maior interação entre cientistas e leigos. (VALÉRIO; PINHEIRO, 2008)

Através da Portaria n. 189, de 1 de abril de 2009, foi criado um Grupo gestor, encarregado de discutir e propor a política de depósitos para o RI e as ações institucionais para sua implantação. Entende-se que a gestão passa não apenas pelos critérios, bem como pela definição de aporte financeiro, definição de linhas de trabalho para sensibilização da comunidade científica da Universidade. Com relação a produção da Editora da UFBA, o Conselho Editorial definiu a política de arquivamento para esse conteúdo, que foi aprovada em reunião, em 21 de agosto de 2008. A resolução diz o seguinte:

- O Conselho Editorial da Editora da UFBA será soberano nas decisões relativas ao arquivamento dos conteúdos produzidos pela Editora;
- Todo e qualquer conteúdo, já publicado, para ser disponibilizado deverá ter a concordância do(s) autor(es) ou organizador(es), mediante assinatura de um termo. Os autores com conteúdos a serem publicados, no ato de assinatura do contrato de direito autoral, estarão autorizando sua disponibilização, obrigatoriamente.
- Os livros esgotados e relevantes, após análise do Conselho Editorial, serão disponibilizados na íntegra;

² Disponível em: <www.repositorio.ufba.br>

- As Coleções MANUAIS e SALA DE AULA além de outras que surgirem, tendo como objetivo dar suporte aos cursos de graduação e pós-graduação, serão disponibilizadas na íntegra, independente da data de lançamento;
- Títulos definidos pelo Conselho Editorial, a partir da análise do parecer, que se destina a um público muito restrito, ficarão disponíveis apenas no RI;
- Os novos títulos, excetuando-se as coleções definidas anteriormente, serão arquivados no RI, após seis meses de lançamento, salvo nos casos em que editais e/ou contratos recomendem a obrigatoriedade do acesso aberto.

A concretização do RI da UFBA ocorreu em 9 de setembro de 2010 durante a realização de um Seminário voltado para o público interno da Universidade, sobretudo, aquele vinculado aos Programas de Pós-Graduação, com a finalidade de apresentar a proposta de criação das comunidades³ e as orientações de uso do RI. Nessa ocasião, o Repositório contava com duas comunidades ativas, a da Editora da UFBA, com 123 itens e a comunidade Memória, com 230 itens. Os livros e demais documentos foram disponibilizados em formato pdf. Em 2012, a Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação (Propci), em parceria com a Edufba lançou um edital para a Coleção E-livro.⁴ A finalidade era selecionar originais para serem publicados apenas em formato epub. A Coleção está ativa, em acesso aberto no RI da UFBA e consta de 12 títulos, já tendo cerca de outros 10 selecionados.

Tabela 1 - Dados do Repositório Institucional - UFBA 2011-2014

Itens	2011	2012	2013	2014
Total de Documentos Disponibilizados	4.617	7.194	12.502	15.258
Artigos	3.028	5.064	7.830	8.285
Livros	186	234	253	386
Teses, Dissertações e TCCs	-	-	2.883	4.845
Outras Produções	1.403	1.896	1.536	1.742
Média de Acesso Diário	1.500	1.521	3.005	3.009

Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação – PROPCI (dezembro).

³ Correspondem às unidades acadêmicas, estrutura adotada para do RI da UFBA.

⁴ Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6844>>.

Outra ação voltada ao acesso aberto diz respeito a participação da Edufba entre as editoras componentes do projeto Piloto para o Desenvolvimento da Coleção Scielo Livros.⁵ Agregando a experiência do Scielo periódicos, a ação pretende uma expansão progressiva em países ibero-americanos e objetiva além do aumento da visibilidade da produção científica, o aumento do acesso, da qualidade, do uso e do impacto dos livros bem como participar do aperfeiçoamento de pessoal das editoras participantes no que se refere à edição, publicação e comercialização dos livros em ambiente virtual. Seu desenvolvimento é liderado e financiado por um consórcio formado pelas editoras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Iniciado em 2010, hoje nove editoras universitárias participam do projeto, os números são os seguintes:

Quadro 1 – Números do projeto Scielo Livros

592 títulos disponíveis	363 títulos em Acesso Aberto	4.906 capítulos em Acesso Aberto	2.244 autores	35.954.516 download
--------------------------------------	---	---	-------------------------	-------------------------------

Fonte: Scielo Livros.

Tanto a sua participação no projeto Scielo Livros, como no RI da UFBA resulta em dados animadores. O RI ocupa a 5ª posição no Brasil e a 10ª posição na América Latina, segundo o Ranking Web of World Repositories publicado todos os anos pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Recente estudo webométrico, apresentou como resultado que o capítulo livro mais citado a partir do RI é o “Literatura científica, comunicação científica e ciência da informação”, de autoria de Suzana Mueller, publicado no livro *Para entender a Ciência da Informação*, organizado por Lídia Toutain. Do mesmo livro outros capítulos são citados, sendo este o livro mais citado na observação do estudo. No entanto, este título não está entre os dez mais baixados do RI da UFBA. Com cerca de 52 mil downloads, *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas*, organizado por Félix Díaz, Miguel Bordas, Nelma Galvão e Theresinha Miranda, é o título mais baixado desde 2013, seis meses após seu lançamento e disponibilização.

O trabalho desenvolvido pela equipe da UFBA tem colaborado para ampliar a divulgação e a conscientização do autoarquivamento da produção científica em acesso aberto,

⁵ Disponível em: <<http://books.scielo.org/>>



contribuindo para a visibilidade da Instituição. Embora o autoarquivamento, princípio dos repositórios, ainda tem uma adesão pequena no âmbito da Instituição.

6 CONCLUSÃO

Pode-se dizer que, embora com os baixos índices de leitura que ainda prevalecem no país, juntamente, com os problemas socioeconômicos que contribuem para uma população formada por uma maioria de baixa renda, há dados positivos para a Editora da UFBA e que contribuem para firmá-la como uma das mais importantes editoras universitárias brasileiras. Em 2013, ganhou o seu primeiro prêmio Jabuti, concedido, anualmente, em várias categorias e gêneros pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Os desafios são muito quer para o livro em suporte papel, quer para o livro digital. A distribuição e comercialização ainda continuam sendo o entrave que persegue as editoras universitárias há muitos anos, além da regulamentação da sua natureza jurídica e financeira.

O uso das redes sociais para divulgação das publicações da Edufba, sobretudo aquelas que se encontram em acesso aberto, possibilita um diálogo mais próximo com o público alvo, qual seja, os estudantes universitários. Com cerca de 14 coleções ativas, além de um cem número de publicações avulsas, do seu catálogo fazem parte mais de mil títulos publicados desde 1993. As coleções tratam desde pesquisa na área de artes, a temas mais específicos como drogas e cultura, além de temáticas locais, embora de interesse geral, como a Coleção Baía de Todos.

REFERÊNCIAS

A AVENTURA EDITORIAL DE PINTO DE AGUIAR. Salvador: Instituto Baiano do Livro, 1993.

CHARTIER, R. *As aventuras do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

ROSA, F. *A editoração na Universidade Federal da Bahia*. 1994. 54 f. Monografia (Especialização em Produção editorial) - UCSAL/FUNDESP, Salvador, 1994.

ROSA, F. *A disseminação da produção científica da Universidade Federal da Bahia através da implantação do seu repositório institucional: uma política de acesso aberto*. 2011, 242f. Tese (Doutorado em cultura e sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011. Disponível em:



<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3031/1/Tese%20Flavia.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

ROSA, F.; BARROS, S.; MEIRELLES, R. Adoção do acesso aberto por uma editora universitária: o caso da Editora da UFBA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=50920>>. Acesso em: 18 abr. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior Unicamp*, Campinas, n. 9, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Acesso em: 09 set. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Departamento Cultural da Reitoria. *Notícia histórica da Universidade da Bahia*. Salvador, 1967. 100 p.

VALÉRIO, P. M.; PINHEIRO, L. V. R. Da comunicação científica à divulgação. *Transinformação*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 159-169, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=302>> Acesso em: 20 set. 2014.